

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
UNIDADE PROFESSOR JOSÉ BATISTA DE OLIVEIRA
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA GRASIELA ALVES DE OLIVEIRA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO E OS ASPECTOS DA VIDA E FORMAÇÃO
ACADÊMICA: O ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL EM QUESTÃO**

ANA GRASIELA ALVES DE OLIVEIRA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO E OS ASPECTOS DA VIDA E FORMAÇÃO
ACADÊMICA: O ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL EM QUESTÃO**

Memorial de Formação apresentado ao curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Alves de Oliveira, Ana Grasiela.

MEMORIAL DE FORMAÇÃO E OS ASPECTOS DA VIDA E FORMAÇÃO
ACADÊMICA : o ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL EM QUESTÃO /
Ana Grasiela Alves de Oliveira. - 2026.

39 p.

Orientador(a): Jonata Ferreira de Moura.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão,
Imperatriz Maranhão, 2026.

1. Narrativas. 2. Estágio Obrigatório. 3. Formação
Docente. I. Ferreira de Moura, Jonata. II. Título.

ANA GRASIELA ALVES DE OLIVEIRA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO E OS ASPECTOS DA VIDA E FORMAÇÃO
ACADÊMICA: O ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL EM QUESTÃO**

Memorial de Formação apresentado ao curso de
Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz da
Universidade Federal do Maranhão, para obtenção
do grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 00/00/2026

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura (Orientador)
Doutor em Educação

Prof.^a Ma. Simone Regina Omizzolo (1º Examinadora)
Especialista em Educação

Prof. Dr. Erivanio da Silva Carvalho (2º Examinador)
Doutor em Educação

Aos meus avós, Maria José e João Bezerra, que sob muito sol e enfrentando as tempestades e tsunamis da vida difícil no interior, me fizeram chegar até aqui, na sombra, em águas claras e cristalinas.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me permitir chegar até aqui e realizar o sonho da graduação.

À Nossa Senhora da Assunção, que nos momentos mais difíceis, intercedeu e ouviu o meu clamor.

À dona Maria José, minha avó, a mulher que me criou e a quem eu aprendi a chama-la de mãe. A que mesmo criando 11 filhos, abriu mais ainda o coração e criou mais duas netas.

Ao meu avô, João Bezerra, que o chamo de pai, que nos criou, que nunca mediu esforços para nos sustentar.

À minha mãe, Ana Raimunda, que desde cedo, abriu mão da convivência com suas filhas para poder correr atrás de trabalhos e poder nos criar, mesmo que de longe.

Ao meu companheiro, Marcelo Augusto, que nunca mediu esforços para me ajudar, que me aconselhou, que abriu meus olhos, que foi meu confidente, que pegou na minha mão e nunca mais soltou.

Ao meu pai, Roberto Oliveira, que após anos, reapareceu e decidiu ir atrás do tempo até então perdido.

Ao meu orientador, Jónata Ferreira de Moura, meu orientador, por ter aceitado me guiar nesse projeto.

Aos meus professores, que ao longo do curso, nos presentearam com o que tinham de melhor.

À minha banca avaliadora formada pela Professora. Esp. Simone Regina Omizzolo e pelo Professor Dr. Erivanio da Silva Carvalho por suas contribuições ao presente trabalho.

“É Justo que muito custe o que muito vale”

- *Santa Tereza D' Ávila*

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está escrito em formato de um memorial de formação, no qual realiza-se uma reflexão sobre os desafios e aprendizagens enfrentadas ao longo da trajetória educacional, desde a infância até o Ensino Superior, destacando os desafios enfrentados, conquistas e sua influência na construção pessoal e acadêmica, com destaque para o estágio obrigatório na Educação Infantil, em que se teve a oportunidade de realizar o primeiro momento do estágio de docência com as crianças pequenas e pela relevância da temática para a formação da estudante. A questão de pesquisa é: Como os desafios e aprendizados vivenciados desde a infância até o Ensino Superior contribuíram para a minha formação pessoal e acadêmica? Para ajudar a encontrar respostas para a questão acima, elenca-se os seguintes objetivos: 1) Analisar como aconteceu minhas experiências de ensino e aprendizagem no espaço escolar; 2) Avaliar as contribuições dos Estágios Curriculares Supervisionados realizados durante o curso de Pedagogia para minha formação acadêmica; 3) Analisar problemáticas encontradas no curso de Pedagogia que impactaram na minha formação acadêmica. A pesquisa é de abordagem qualitativa de cunho autobiográfico. Os resultados revelam que, ao rememorarmos o nosso passado, estamos obstinados a revisitar momentos que talvez já haviam sido esquecidos, mas que explicam muitos dos nossos comportamentos e reações frente a diversas situações. Presenciar, mesmo que por pouco tempo, a realidade da sala de aula infantil, me fez perceber a grandiosidade que o curso de pedagogia carrega, ao nos deparar com tantos rostos pequenos a nos olhar com curiosidade e vontade de saber.

Palavras-chaves: Narrativas; Estágio Obrigatório; Formação Docente.

ABSTRACT

This Final Course Paper (TCC) is written in the format of a training memoir, in which a reflection is made on the challenges and learning experiences faced throughout the educational journey, from childhood to Higher Education, highlighting the challenges encountered, achievements, and their influence on personal and academic development with emphasis on the mandatory internship in Early Childhood Education, in which there was an opportunity to carry out the first stage of teaching practice with young children and the relevance of the topic for the student's training. The research question is: How have the challenges and learning experiences from childhood through Higher Education contributed to my personal and academic development? To help find answers to the question above, the following objectives are listed: 1) To analyze how my teaching and learning experiences took place in the school environment; 2) Evaluate the contributions of the Supervised Curricular Internships carried out during the Pedagogy course to my academic training; 3) Analyze problems encountered in the Pedagogy course that impacted my academic development. The research is qualitative in nature and autobiographical in approach. The results reveal that, when we recall our past, we are compelled to revisit moments that may have already been forgotten but that explain many of our behaviors and reactions in various situations. Witnessing, even briefly, the reality of a children's classroom made me realize the significance that the Pedagogy course carries, as we face so many small faces looking at us with curiosity and a desire to learn.

Keywords: Narratives; Mandatory Internship; Teacher training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REMEMORANDO MINHA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO	13
2.1 Minha trajetória pessoal	14
2.2 Minha formação escolar	16
2.3 Formação acadêmica	19
3 O memorial de formação: questões teóricas	21
4 ESTÁGIO NO CURSO DE PEDAGOGIA: A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO FOCO	25
4.1 Estágio no curso de pedagogia	25
4.2 Estagio na educação infantil	29
5 CONCLUSÕES	34
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está escrito em formato de um memorial de formação. No qual realizarei uma reflexão sobre os desafios e aprendizagens enfrentadas ao longo de minha trajetória educacional, desde a infância até o Ensino Superior, destacando os desafios enfrentados, conquistas e sua influência na minha construção pessoal e acadêmica.

A decisão de elaborar este memorial de formação deu-se ainda no Estágio Curricular Supervisionado em Docência da Educação Infantil, no qual o relatório de estágio exigia, em um de seus tópicos, uma breve escrita sobre a trajetória educacional de nós estudantes. Senti a necessidade de escrever devido ao impacto que o estágio teve em minha trajetória, uma vez que o ambiente e a forma de aprender das crianças estavam voltados ao lúdico. Isso fez com que eu rememorasse que, no meu início da vida escolar foi de uma forma mais direta, voltada para a leitura rápida e decoração.

Pelos eventos relatados acima decidi relatar um pouco das minhas experiências, buscando os pontos que foram cruciais no meu desenvolvimento pessoal, escolar e acadêmico.

O desenvolvimento de um memorial de formação reúne inúmeras facetas, dentre elas o receio de haver esquecimento dos detalhes de extrema importância que fazem parte da história e que foram indispensáveis para a construção do ser. “E se não conseguirmos lembrar? E se a memória falhar? Como ter discernimento sobre o que é relevante contar?” (Guedes-Pinto, 2012, p. 01). Mesmo havendo o receio de não conseguir desenvolver ou recordar-me das informações necessárias e cronológicas para a composição desta escrita, pretendo me arriscar na produção deste gênero acadêmico de TCC.

A escrita deste memorial torna-se relevante em virtude de aflorar sentimentos e lembranças de uma trajetória antes esquecida, buscando destacar experiências ao longo de minha trajetória que contribuíram para a minha formação pessoal, escolar e acadêmica. O fato de pararmos e observarmos os acontecimentos de nossa linha do tempo, nos permite revisitar o passado, trazendo memórias significativas que, em alguns momentos, são explicações e respostas que procuramos a tempos,

considerando que, por vezes, nosso desenvolvimento tanto pessoal quanto profissional baseia-se em nossas vivências passadas.

Assim, este memorial de formação traz a seguinte questão central: Como os desafios e aprendizados vivenciados desde a infância até o Ensino Superior contribuíram para a minha formação pessoal e acadêmica?

Para me ajudar-nos a encontrar respostas para a questão acima, elencamos os seguintes objetivos: 1) Analisar como aconteceu minhas experiências de ensino e aprendizagem no espaço escolar; 2) Avaliar as contribuições dos Estágios Curriculares Supervisionados realizados durante o curso de Pedagogia para minha formação acadêmica; 3) Analisar problemáticas encontradas no curso de Pedagogia que impactaram na minha formação acadêmica.

A pesquisa é do tipo autobiográfica, que para Ventura e Cruz (2019) tem se intensificado atualmente dando sentido aos mais diferentes textos narrados, assim ela vem se destacando no cenário de investigação das ciências humanas, como métodos para pesquisas de pessoas que desejam narrar o seu processo de formação, bem como a construção de sua identidade docente. Nesse sentido,

Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II do Ensino Fundamental, no âmbito da pedagogia hospitalar, que podemos chamar de material empírico¹.

A pesquisa é do tipo autobiográfica, que para Cruz e Ventura (2019) tem se intensificado atualmente dando sentido aos mais diferentes textos narrados, assim ela vem se destacando no cenário de investigação das ciências humanas, como métodos para pesquisas de pessoas que desejam narrar o seu processo de formação, bem como a construção de sua identidade docente. Nesse sentido,

Costuma-se lembrar que a abordagem (auto)biográfica nas Ciências Humanas e Sociais surge na Alemanha, com os trabalhos de Wilhelm Dilthey (1833-1911), numa ruptura com os modelos positivistas. Dilthey (1992) coloca a *reflexividade autobiográfica* no centro do paradigma compreensivo e toma a autobiografia como modelo hermenêutico para a compreensão do mundo humano (Moura, 2019, p. 65, apud Passeggi, 2010a, p. 28, grifo da autora).

Minhas palavras nesse trabalho se assemelham com a ideia de palavra de Passeggi (2011), em que não é algo simples ou dita por acaso, mas uma forma de construir uma realidade, no meu caso, a realidade que experienciei na minha escolarização e no curso de Pedagogia, assim,

Se as palavras não são apenas uma representação da realidade, mas uma forma de construir uma realidade humana, ou de humanizar a realidade transformando-a em discurso, propomo-nos a começar pela etimologia do termo experiência, que evoca sua natureza cambiante e sua estreita relação com a formação humana (Passeggi, 2011, p. 148).

Podemos considerar sobre essa perspectiva que nossas experiências serão avaliadas sobre tudo que acontece, de que forma nos afetou, pois, ao narrar nossas histórias de vida atribuímos um novo significado para as nossas ações. Para Passeggi (2011, p.147) “ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se”.

Nas próximas seções temos: na segunda seção apresento minha trajetória de vida e formação na educação básica; depois, avalio as problemáticas que enfrentei ao longo do curso de Pedagogia; por fim, avalio as contribuições dos Estágios Curriculares Supervisionados, que realizei durante o curso de Pedagogia, para minha formação acadêmica; por fim, nas considerações, apresento uma reflexão, considerando as experiências apresentadas neste trabalho.

2 REMEMORANDO MINHA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO

De acordo com Leal (2012, p. 1)

A Memória pode-se traduzir como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado.

Assim, ao fazermos o exercício de rememorar experiências, temos a oportunidade de relembrar eventos antes esquecidos em nossa mente, fazendo com que a memória funcione como um recurso que conecta experiências vividas a situações atuais, atribuindo-lhes novos significados.

Nesse sentido, relembrar é refletir, refazendo no presente um discurso mais compreensível sobre nós mesmos, a partir de um outro olhar, um olhar diferente do que tínhamos quando enfrentávamos situações vividas no passado.

Nesta seção faço uma análise de como foi minha trajetória pessoal desde a mais tenra idade e vivências no interior em que morava, minha formação escolar e as experiências e aprendizados que foram adquiridos, os caminhos que me levaram a mudar de cidade e sair de perto do meu lar familiar materno até alcançar a aprovação no ensino superior e os passos que tracei dentro da universidade.

2.1 Minha trajetória pessoal

Sou filha de pais separados e fui criada pelos meus avós, juntamente com uma de minhas irmãs, em um interior da cidade de Colinas/MA. Vivi nesse interior até os meus 10 anos de idade, onde pude ter, apesar das dificuldades encontradas, várias experiências que permanecem vivas em minha mente até hoje. Costumava brincar debaixo das várias árvores frutíferas que haviam no quintal de casa. Era um quintal vasto com um ótimo espaço onde também minha avó tinha uma pequena criação de galinhas, que ela amava muito. O espaço daquele ambiente nos proporcionou uma infância livre, recheada de brincadeiras com animais e várias invenções que criança costuma fazer, ainda mais em um espaço com inúmeras possibilidades de criação.

A oportunidade de ter vivido uma infância livre, com brincadeiras criadas com os recursos que tínhamos em nosso alcance, nos proporcionou momentos inesquecíveis de vivências entre primos, irmãos e amigos que viviam no mesmo ambiente. Entendo que o espaço familiar foi meu alicerce para minha vida adulta, pois foi onde construí princípios, aprendizados e valores que norteiam minhas escolhas até a atualidade, que foram essenciais para o desenvolvimento de caráter e autonomia. Cresci em um ambiente que promovia ensinamentos básicos para sobrevivência, atenção e cuidado com o outro, construindo respeito pelos mais velhos e obediência aos conselhos que nos eram passados. Assim, podemos entender que, ao brincar, “...as crianças aprendem a colaborar, a partilhar, a comunicar e a relacionar-se com o outro, favorecendo a socialização e a criação de laços” (Sá, 2024, p. 7).

Estas lembranças são importantes porque elas retratam um coletivo que ajudam a construir uma memória individual, que ajuda no enriquecimento de um coletivo que constitui o ser humano, por isso concordamos com Leal (2012, p. 01) ao afirmar que:

as lembranças da infância na família e com os amigos, as relações escolares e os grupos de trabalho mostram que essas recordações são essencialmente memórias de grupo e que a memória individual só existe na medida em que esse indivíduo é um produto de um grupo (HALBWACHS, 2006).

Colecionei inúmeros momentos bons com pessoas especiais, dentre os muitos lugares, destaco os banhos nos riachos, passeios na fazenda que ficava atrás de nossa casa, balanços em cordas que nosso avô confeccionava e etc. Penso que hoje tudo isso seja um grande privilégio que poucos têm, porém, seria importante se todas as crianças pudessem ter esse contato mais direto com a natureza. Para que que pudessem aprender mais com as coisas do campo, proporcionando mais saúde física e mental, para que as crianças tornem-se melhores adultos no futuro.

Como uma vida livre no interior, com recursos naturais, mas financeiramente instável, no dia das crianças, havia uma pessoa que proporcionava a alegria das crianças ali presentes, com a entrega de brinquedos, lanches coletivos e brincadeiras. Foram anos tendo esta experiência que ficou marcada como uma ótima lembrança, já que era um momento especial e que podíamos ver a alegria de cada criança ao receber o presente.

Duas experiências bem diferentes: uma vida simples, rodeada de natureza e com muitas brincadeiras livres; e ao mesmo tempo uma vida sem bens materiais e com bastante dificuldades financeiras. A primeira experiência poucas pessoas ainda têm, pois no meio urbano o contato com a natureza e as brincadeiras livres é um luxo para poucos. Entretanto, a segunda experiência não foi privilegio somente meu, pois ainda hoje, em muitas cidades do Maranhão isso acontece. Segundo o Governo do Maranhão (2024), milhares de pessoas deixaram a pobreza e a extrema pobreza entre os anos de 2022 e 2023. No entanto, de acordo com o G1 Maranhão (2023), os dados do IBGE indicam que várias cidades maranhenses ainda apresentam índices de famílias que vivem na extrema pobreza, citando que essas localidades ainda enfrentam problemas com saneamento básico e a baixa oferta de empregos, o que contribui para um cenário de necessidades.

2.2 Minha formação escolar

Minha trajetória escolar teve início no ano em que eu completaria 7 anos de idade, em uma escola da região em que morava. Por ter sido um início já considerado tardio, o primeiro ano foi voltado para a alfabetização, uso constante de cartilhas, sem aquele primeiro processo de adaptação que, atualmente, é feito com as crianças na Educação Infantil. Dadas as condições de ingresso escolar e a importância de aprender a ler e escrever, o letramento era o foco, mesmo sem antes ter aprendido a manusear um lápis.

Desse modo, letramento, designa a ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e escrita em contextos reais de uso, inicia-se um processo amplo que torna o indivíduo capaz de utilizar a escrita de forma deliberada em diversas situações sociais (Almeida, 2014, p.205).

Considero importante o processo de desenvolvimento que foca, inicialmente, no desenvolvimento da motricidade fina da criança para, aos poucos, progredindo para outros aspectos como a escrita e a leitura, visto que, “a motricidade fina é fundamental para a interação da criança com o meio envolvente e acontece sempre que a criança usa e se relaciona com diferentes objetos” (Veneza, 2020, p. 8). Dessa forma, entendemos que o bom desenvolvimento da motricidade fina é essencial para o desenvolvimento infantil, uma vez que é algo que está presente no dia a dia e pode ser influenciado por objetos ao seu redor. Ao influenciar a criança a pegar brinquedos, folhear livros, e encaixar peças ainda nos primeiros anos de vida, é uma forma de incentivar o desenvolvimento cognitivo, no qual a criança passa a ter contato com diferentes texturas. Praticar essa habilidade antes de envolver a criança com escrita e recortes, pode garantir um bom desenvolvimento em sua vida escolar, lhe dando autonomia no processo tanto nas tarefas escolares quanto em atividades no espaço familiar, como se alimentar sozinha e vestir-se.

Cursei até o 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola no interior onde morava. Era uma sala multisseriada, a qual possuía 4 turmas de anos diferentes, uma vez que era um interior pequeno e não obtinha uma quantidade aceitável de alunos para formar turmas separadas. Então essa foi a solução encontrada para conseguirem atender os alunos presentes, para evitar o deslocamento diário aos

interiores ou cidades próximas, visto que a comunidade escolar era formada por famílias que não possuíam uma base financeira estável.

Sobre salas multisseriadas, pode-se dizer que:

historicamente associadas a contextos rurais e periféricos, emergem como espaços pedagógicos complexos, onde a heterogeneidade etária, cognitiva e sociocultural desafiam os modelos tradicionais de ensino seriado (Da Silva, 2025, p. 28).

Essas salas, apesar de não serem o plano de ensino ideal a ser ofertado, são o que mantém as crianças de lugares de difícil acesso, tendo aulas diariamente.

Em 2010 foi o começo de uma nova etapa em nossas vidas, pois a casa de minha avó estava finalmente pronta em Colinas/MA, cidade próxima ao interior que morava. Toda a família mudou para um bairro até então desconhecido, mas com boas perspectivas, pois meus avós já eram idosos e precisavam de uma estrutura melhor, próximo dos familiares e hospitais em caso de necessidade.

A escola em que tive a oportunidade de estudar assim que mudamos ficava a poucos metros de casa, não havendo preocupação com transporte, o que era um problema a menos. Nesta escola eu presenciei um ambiente totalmente diferente, com salas separadas, uma quantidade bem maior de alunos e presença dos outros setores como direção, secretaria e etc. Conheci outras pessoas, no entanto fiz poucos amigos, pois sempre fui uma pessoa introvertida e sem muita desenvoltura para criar amizades. Recordo-me de uma professora que era muito querida, bastante atenciosa, mesmo com uma sala enorme para comandar. Nessa escola fiz até o 9º ano do Ensino Fundamental.

Ainda nesta instituição de ensino, em um dado momento, tivemos a oportunidade de participar do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD). Este programa é formado por uma parceria entre a polícia militar, família e escola, no qual, pedagogicamente, procuram transmitir mensagens de valorização da vida, contra a violência e as drogas. Ao final do curso, os alunos ganham certificados, finalizando o ciclo de aprendizados com policiais preparados para lidar com o público ao qual o projeto é voltado. Foi uma experiência encantadora, pois tivemos vários momentos lúdicos de conscientização, com direito a formação de grupos caracterizados com cores diversas, visita ao batalhão de polícia militar da cidade e até mesmo uma formatura ao finalizar o período do curso

Após finalizar o ciclo do Ensino Fundamental, chegou o tão sonhado momento de realizar a transferência para uma escola maior e iniciar o Ensino Médio. Uma nova experiência, um ambiente totalmente diferente. Cada matéria já com um peso maior e com níveis de dificuldades diferentes, que exigia um pouco mais de esforço e atenção em cada aula, afinal de contas, ali começava a aflorar mais ainda o desejo de ingressar no Ensino Superior. No início do primeiro ano do Ensino Médio tive uma reaproximação com meu pai, após minha mãe o procurar para arcar com as despesas que a nova fase traria. Foi um momento marcante, pois até então não cultivava recordações, já que ele foi embora quando eu ainda era uma criança bem pequena, na faixa dos dois a quatro anos de idade.

O processo de reaproximação não foi fácil, foram várias ligações para que a palavra PAI pudesse ser pronunciada com vontade, partida de mim mesma e sem o incentivo de minha mãe. Em 2015, já no segundo ano do Ensino Médio, tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, após mais de 10 anos sem que ele voltasse a cidade onde morávamos. Desde então, o contato não foi mais cortado, ele se prontificou em ser presente em minha formação, ajudando-me financeiramente, dentro de suas condições.

Com o reaparecimento de meu pai, surgiu também a oportunidade de mudar de cidade pela primeira vez e vir para o município de Imperatriz/MA. Aqui tive o acolhimento de uma tia muito querida, pedagoga já quase aposentada, que até o presente momento atuava na secretaria escolar. Com a sua influencia, comecei a pensar e pesquisar mais sobre o curso de Pedagogia e considerá-lo como uma possibilidade. Aqui conclui o ensino médio, realizei a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), obtive sucesso em uma das provas e passei para o curso de Pedagogia, uma das primeiras opções a ser colocada durante o processo de seleção.

Em 2020, ano de pandemia, minha avó veio a falecer devido as sequelas de um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Foi um divisor de águas, devido as condições de afastamento na pandemia e não poder ter tido um último contato ainda em vida.

2.3 Formação acadêmica

Em 2017 mudei de cidade, algo novo, pois até então não havia saído de perto do meu ceio familiar maternal. Consegui ter boas influências que me apresentaram bons caminhos. Tive também algumas vivências complicadas que foram muito úteis para a formação de parte de minha jornada, os quais levarei para a vida. Durante o ano de conclusão do Ensino Médio, tive a oportunidade de passar por um cursinho pré vestibular, no qual aprofundei os meus estudos para conseguir realizar a prova do ENEM e obter uma boa nota, e com isso, conseguir uma vaga na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e dar essa notícia a minha avó, que sempre foi minha apoiadora e minha fonte de motivação. Com muito empenho consegui boas médias e consegui passar em alguns cursos, dentre eles o curso de Pedagogia, na tão sonhada UFMA.

Em 2018, fiquei responsável por acompanhar uma criança muito querida na escola e em suas atividades de casa, durante seu ciclo de alfabetização. Durante esse período, fui observando todas as nuances que interferiam ou somariam nesse processo. O cuidado e tudo que era feito durante algumas atividades, me fez despertar sobre a necessidade de um ambiente calmo e lúdico para o desenvolvimento da criança nessa fase, pois, em dados momentos, o ambiente era interferido por familiares que desregulavam o processo, interferindo na concentração da criança e, de certa forma, prejudicando sua atenção. Ao final desse ciclo de convivência, pude compreender que o processo de alfabetização pode ser fortemente influenciado pelo ambiente em que a criança está inserida.

No ano de 2020 veio a tão sonhada aprovação na universidade pública, ano de pandemia, um momento em que o mundo enfrentava uma situação que devastou famílias e deixou as marcas da saudade em quem perdeu seus entes queridos nesse período, sem a possibilidade de uma despedida.

Era um sentimento novo, e o apoio e esforço de todos os professores para nos acolher e nos apresentar um bom ambiente de aula, mesmo de forma remota, foi de extrema importância para que conseguíssemos levar o curso até os momentos finais.

Adentrar os portões da Universidade foi algo que transformou minha visão de mundo, foi a realização de um sonho de criança, pois ter conseguido concluir o ensino médio foi uma vitória, já que venho de uma família de poucos recursos e com

poucos que conseguiram concluir esse percurso. Dessa forma, consegui quebrar um ciclo e ultrapassar os portões de uma Universidade Pública foi, em suma, uma grande vitória.

O tempo foi passando e alguns medos foram sendo superados, como o de apresentar seminários na frente dos outros alunos. O frio no estômago, o receio de não fazer uma boa apresentação tomava conta, mas com a ajuda dos demais colegas, mais um obstáculo foi superado.

Ao chegar nas matérias de *Ludicidade e Educação*, tive um brilho no olhar ao aprofundar-me mais ainda sobre as faces da educação infantil mais lúdica e suas sutilezas. Durante a matéria, aprendemos que enfatizado que o espaço lúdico pode permitir que o indivíduo possa criar e entreter uma relação aberta e positiva com a cultura. Brougere (1998), considera que o brincar é essencial porque é brincando que o paciente se mostra criativo. E este ato é usado como um mecanismo psicológico que garante que o sujeito tenha a capacidade de distinguir a relação do que é real.

Aprendemos, de uma forma mais didática, a importância dos primeiros momentos na infância, o qual torna-se essencial para formar suas identidades futuras. A primeira infância mostra-se como seio formador de inúmeras habilidades e é um “intervalo de ouro” (Brites, 2020, p. 14).

Em Fundamentos e Metodologias de Alfabetização e Letramento, aprofundamo-nos na história dos métodos de alfabetização e suas evoluções. Nos escritos de Mortatti (2006), é exposto a dificuldade das crianças em ler e escrever, ainda mais em escolas públicas. A autora aborda essa questão histórica fazendo uma comparação entre o final do século XIX e os dias atuais.

Durante a faculdade, devido ao envolvimento com trabalho desde o primeiro ano de curso, não pude participar de alguns projetos externos voltados para a área, já que eu não possuía uma flexibilidade de horário. Para poder começar os estágios, já nos últimos dois anos, precisei pedir demissão do local em que possuía vínculo empregatício, já que não havia consenso para liberação e realização das atividades. Neste momento, consegui um estágio remunerado pelo Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), em uma escola particular da cidade. Com a função de auxiliar de sala, com crianças de 4 a 5 anos de idade, foi como consegui conhecer, na prática, alguns dos processos feitos em sala de aula que auxiliam as crianças nessa fase de desenvolvimento.

3 O MEMORIAL DE FORMAÇÃO: QUESTÕES TEÓRICAS

A escrita de um memorial de formação, por mais que seja um texto livre, requer estudos e reflexões sobre quais pontos serão abordados ao longo do trabalho em questão. Estruturar um memorial é uma oportunidade de revisitar o passado, fazendo com que possamos refletir sobre nossas vivências pessoais, retomando toda uma história de lutas, felicidades e tristezas. É encorajar outros a trilhar essa mesma jornada, que no final torna-se extremamente satisfatória. No entanto, por ser uma escrita pessoal, surge o receio de ser só mais uma escrita, que terceiros não irão sentir-se atraídos por uma história de vida comum, mesmo essa história não podendo nunca ser igual a de outros, pois, como afirma Guedes-Pinto (2012, p. 1) “a história de cada um não poderá ser igual a de qualquer outro, e, neste sentido, ela sempre contribuirá com mais uma versão dos fatos vividos, enriquecendo e ampliando o patrimônio histórico cultural da humanidade”.

Mas o que é mesmo um memorial ou um memorial de formação? Para Passeggi (2008, p. 108), “[...] é no limiar dos anos 2000 que os memoriais se tornam objeto de investigação e surgem as primeiras publicações, no campo da Sociologia (WAIZBORT, 1998), da Educação (PASSEGGI, 2000) e da Linguística Aplicada (RAJAGOPALAN, 2002)”. Estes documentos, na pesquisa educacional, apresentam-se como fontes inesgotáveis e valiosas, “por serem testemunhos vivos de alunos, professores, pesquisadores e tantas outras pessoas que estão relacionadas à área” (Moura, 2019, p. 83). Passeggi (2008) distingue dois tipos de memoriais: o memorial acadêmico e o memorial de formação, mostrando o papel de cada um no âmbito institucional, vejamos:

Para abarcar as diferentes denominações encontradas em editais e propostas de cursos, propondo o termo *memorial autobiográfico* como designação genérica institucional e do processo de escrita, proponho fazer a distinção entre dois tipos de memorial. O *memorial acadêmico* para designar aqueles que são elaborados por professores e pesquisadores para fins de concurso público, ingresso ou ascensão funcional na carreira docente e/ou para outras funções em instituições de ensino superior; e o *memorial de formação* para designar os memoriais escritos durante o processo de formação inicial ou continuada, e concebido como trabalho de conclusão de curso no ensino superior (TCC), geralmente, realizado em grupo e acompanhado por um professor orientador. (Passeggi, 2008, p. 105-106, grifos da autora).

Neste texto de final de curso estamos tratando do memorial de formação, pois são fontes ricas de testemunhos de estudantes de algum curso a nível superior, inseridos em situações em que falam e pensam sobre suas experiências durante um curso acadêmico que realizavam. Dessa feita, concordamos com Prado e Soligo (2007, p. 7-8) quando afirmam:

Um memorial de formação é um gênero textual predominantemente narrativo, circunstanciado e analítico, que trata do processo de formação num determinado período – combina elementos de textos narrativos com elementos de textos expositivos (os que apresentam conceitos e ideias, a que geralmente chamamos “textos teóricos”). Se tomarmos em conta a definição mais clássica dos tipos de discurso – narrativo, descritivo e argumentativo –, poderíamos dizer então que o memorial de formação é um gênero que comporta todos eles, embora evidentemente predomine o discurso narrativo. Em se tratando do estilo, também há lugar para diferentes possibilidades: a opção pode ser por um tratamento mais literário, ou mais reflexivo, ou pela combinação de ambos.

Partindo desse pressuposto, notamos a importância do memorial no processo de rememorar nossas vivências e aprofundá-las, buscando entender coisas que antes passaram despercebidas ou não foram dadas a sua devida importância, considerando que muito se ocorreu durante a infância, período no qual não possuímos total discernimento acerca dos acontecimentos que estão presentes no nosso cotidiano.

O ato de refletir sobre nosso passado aflora momentos de felicidades que talvez já foram esquecidos, nos recorda momentos especiais, que, com o ato de rememorar e registrar, nos faz reacendê-los em nossa memória, tornando-os presentes ao longo de nossa caminhada.

Utilizar a memória como ferramenta de busca do passado nos permite torná-lo presente, pois, segundo Frank e Landeira-Fernandez (2006, p. 37) “[a] noção de memória tem uma representação popular marcante, particularmente por sua particularidade de tornar o passado presente”. Assim, podemos reviver momentos únicos que já passaram, nos permite atribuir significados e validar as experiências já vividas, com um olhar maduro e experiente sobre cada evento passado e ainda, podendo, ressignificar.

Elaborar um memorial de formação é um meio de refletirmos sobre nossa prática, enquanto futuro educadores, ou ainda, como afirma Moura (2019, p. 84) “Por ser uma maneira de registro de memórias, vivências, experiências e reflexões, o

memorial de formação é um texto em que o autor (o professor ou o graduando) revela sua habilidade de articular as experiências de sua prática pedagógica”. É decidir, de forma crítica, qual caminho seguir, sempre em busca de melhorias presentes e futuras, pois, segundo Freire (1996, p.39, *apud* Dourado, 2013, p.3) “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Na opinião de Amorim, Santo e Virgílio (2017, p.109):

A construção dos memoriais no percurso de formação e enquanto prática de auto- formação, potencializa no sujeito dimensões da práxis educativa, centrada na ação-reflexão- ação que possibilita um diálogo permanente entre a identidade do educando e sua relação com o conhecimento universal, percebendo o caráter processual da formação docente e da vida.

O autor reflete a respeito da presença de conexões significativas entre as características identitárias dos educandos e o conhecimento universalmente reconhecido, analisando sob a perspectiva da construção de memoriais de formação.

O processo de desenvolvimento de um memorial de formação remonta a uma reflexão que parte desde a tenra idade, lembranças vagas de atividades que foram desenvolvidas na pequena infância, didáticas que fizeram compreender melhor um aspecto, aprofundar em outro, reanimando um turbilhão de sensações outrora sentidas, e possibilitando o aprimoramento dessas experiências, as estabelecendo como parâmetro para estudos de caso.

A construção desses memoriais fornece amplo repertório, para que os acadêmicos tenham mais facilidade para aprendizagem, práticas, dentre outros. E tudo isso é registrado por narrativas. Ou seja, é a narrativa o carro-chefe de um memorial de formação, pois, segundo Moura (2019, p. 85),

Todas essas lembranças, recordações e reflexões são registradas pelas narrativas, pois narrar memórias pressupõe uma ação autorreflexiva e autobiográfica. O narrador, no ato de narrar, reinventa o acontecido, projetando o futuro e remodelando o passado, o qual se afigura na situação atual como maneira de (re)avaliação.

É preciso ter em mente, como nos alerta Brito e Moura (2025), que a narrativa não pode ser rígida, mas deve ter um rigor científico em sua produção, para que ela se transponha de um simples ato de contar, para um ato narrativo. Dessa forma, entendemos as narrativas como espaços ricos para conhecimento, reflexão e problematização de sujeitos, de situações e de constituições, tomando o “tempo como significante importante para o entendimento de dadas experiências e para a constituição de uma produção de historicidade não historicista” (Brito; Zaparoli, 2024, p. 14).

Para Moura (2024, p. 16) “através da narrativa, os/as sujeitos/as podem reorganizar o pensamento e as sensações, assim como reelaborar significados e significantes sobre as discussões de gêneros e sexualidades”, de maneira que suas experiências sejam partilhadas e problematizadas, pois, como afirma Benjamim (1987, p. 205, grifo do autor): “A narrativa [...] não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso [...]”.

Uma das vantagens da escrita do memorial de formação para a formação do futuro professor é sua potencialidade de provocar a tomada de consciência, a qual está associada à concepção experiencial da formação de si. Como esclarece Moura e Nacarato (2025, p. 03):

Nesse processo, o adulto cria um autorretrato, mais ou menos explícito, evidenciando as posições existenciais que porventura adotou ao longo de sua vida. Essa ação permite que ele tome consciência de sua constituição como sujeito e das ideias que, (in)conscientemente, estruturam-na, o que exige do adulto em formação responsabilização e autonomização.

Claro que tudo isso não é algo que acontece rapidamente ou de maneira fácil. Reconhecemos que a escrita do memorial de formação não é fácil, suscita emoções diversas e faz o escritor colocar-se em reflexão. Todas as lembranças, recordações e reflexões são registradas pelas narrativas, pois narrar memórias pressupõe uma ação autorreflexiva e autobiográfica. “O narrador, no ato de narrar, reinventa o acontecido, projetando o futuro e remodelando o passado, o qual se afigura na situação atual como maneira de (re)avaliação” (Moura; Nacarato, 2025, p. 05).

4 ESTÁGIO NO CURSO DE PEDAGOGIA: A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO FOCO

Nesta seção refletiremos sobre como o Estágio Curricular Supervisionado em docência da Educação Infantil e sua importância para minha formação enquanto estudante e na transição para futura profissional da educação.

A inserção na rotina escolar durante o Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil, proporciona desafios até então nunca enfrentados, devido à complexidade e mais variadas realidades ali presente. É neste momento que a teoria é colocada em xeque, mas também, é um dos momentos que podemos entender que a prática é a materialização da teoria, pois ali encontraremos desafios a serem enfrentados.

A seguir discutiremos a respeito do estágio no curso de pedagogia e sua importância no campo de experiência para o educador em formação. Falaremos também sobre o estágio mais precisamente na educação infantil, e o quão importante foi para o meu desenvolvimento, mais especificamente nesta área, devido ter uma maior afinidade e ter sido meu ponto de partida para a escritura do trabalho em questão.

4.1 Estágio no curso de pedagogia

O estágio supervisionado é compreendido como um processo de experiência e prática, que aproxima o acadêmico da realidade de sua área de formação e o ajuda a compreender diversas teorias que conduzem ao exercício da sua profissão. É um elemento essencial para o desenvolvimento dos alunos de graduação, sendo também, um lugar de aproximação entre a universidade e a sociedade, permitindo uma integração à realidade social.

A Lei 11.788, 25 de setembro de 2008, apresenta em seu artigo primeiro o estágio supervisionado como um ato educativo que possibilita o desenvolvimento do estagiário no ambiente de seu trabalho. Isso porque esta etapa formativa fornece ao estagiário um momento de reflexão sobre o que já tenha estudado anteriormente com a realidade do campo de estágio.

Igualmente, a Resolução nº.1191-CONSEPE da UFMA, discorre que o estágio é um componente curricular integrante do projeto pedagógico dos cursos de

graduação, dentro da perspectiva de articular a teoria e a prática no processo de formação profissional.

Essa Resolução baseada na Lei 11.788 de setembro de 2008, se convergem e vem reforçar ao acadêmico o direito ao estágio, destacando a grande relevância e sustentação para a sua formação profissional, garantindo ao estudante um ambiente que se identifique com o trabalho que irá desempenhar, que seja capaz de incluí-lo no mercado de trabalho.

Segundo Pimenta e Lima (2010, p. 34) “também, com frequência, se ouve que o estágio tem de ser teórico-prático ou seja, que a teoria é indissociável da prática”. Com isso, esclarecem as diferentes experiências que o estagiário pode descobrir no campo de estágio, além de fazer associação entre a teoria e a prática em caráter reflexivo, pois segundo elas teoria e prática devem andar juntas, uma complementa a outra, logo, o estagiário no campo consegue fazer essa reflexão principalmente trazendo para a prática as suas vivências em sala de aula com seus professores, na sociedade e em outros espaços que promovam conhecimento.

O reducionismo dos estágios às perspectivas da prática instrumental e do criticismo expõe os problemas na formação profissional docente. A dissociação entre a teoria e a prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas o que evidencia a necessidade de explicar por que o estágio é teoria e prática (e não teoria *ou* prática) (Pimenta, 2010, p. 41).

Para entendermos a ideia da autora é preciso perceber que ela enfatiza o trabalho docente como uma *prática* social, que, acompanhado com a ação do docente, da prática do cotidiano, pode contribuir com a sociedade. Visto que a educação ocorre dentro e fora das escolas. A *ação* como menciona as autoras pode ser entendida como as pessoas se apresentam, com sua visão de mundo e seus conhecimentos, que incorporadas as suas práticas com o seu jeito de ser, seus objetivos, suas metas, seja de uma forma original ou pela reprodução de modelo de ensino. Por isso a teoria está sempre relacionada a prática no fazer pedagógico. Isso explica porque muitas escolas não conseguem oferecer uma boa qualidade de ensino para seus alunos, e o estágio se faz necessário para que o estagiário tenha essa reflexão.

Outrossim no estágio, Pimenta e Lima (2010) problematizam a prática, do estagiário, que vai desde a imitação de modelo que já tenha vivido antes, como se fosse uma receita padronizada, com a reprodução de técnicas. “A prática como imitação de modelos tem sido denominada por alguns autores ‘artesanal’

caracterizando o modo tradicional da atuação docente, ainda presente em nossos dias” (Pimenta; Lima, 2010, p. 35). Porém compreendo através do texto das autoras que devemos organizar, criar a nossa prática pessoal por meio dos conhecimentos teóricos, integrando as nossas ações, o *saber fazer*, com novas perspectivas a serem incluídas com um currículo mais abrangentes.

O que nos faz refletir sobre até que ponto o processo formativo realizado durante as disciplinas de estágio supervisionado realmente contribui na preparação dos futuros pedagogos para a docência. Com isso, é possível reconhecer questionamentos e lacunas existentes para o exercício da profissão que pode aproximar os futuros docentes com campos de ensino não escolares, ajudando na construção de sua identidade profissional.

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. [...] Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos (Pimenta, 1996, p. 76).

Nesse movimento do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias, como disse a autora acima, encontramos os três estágios que contém o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, no Centro de Ciências de Imperatriz: Estágio em Gestão Escolar, Estágio em Docência no Ensino Fundamental, Estágio em Docência na Educação Infantil.

O estágio supervisionado trata-se de um momento em que o conhecimento teórico deixa de ser apenas conteúdo discursivo para se transformar em ação, permitindo com que, os estudantes possam desenvolver suas habilidades, observar e refletir sobre os saberes adquiridos em sua formação, estreitando os laços entre teoria e prática no processo de construção da identidade profissional.

Segundo Moraes (2012, p. 1) “o estágio é o momento mais evidente em que é colocado o ingrediente ‘realidade concreta’ no bolo da formação acadêmica de professores”. Assim, entendemos que é nesse momento em que podemos entender, na prática, como funciona a realidade escolar, as dificuldades encontradas ao longo do caminho, seja pela falta de recursos, seja pelos problemas familiares encontrados na comunidade escolar, dentre inúmeros outros fatores. É nesse momento em que aprendemos, de fato, a necessidade de um ensino humanizado, para que possamos ensinar com um olhar além da educação, enxergando a criança e as suas necessidades, não apenas um aluno a mais na sala de aula.

Dessa forma, podemos presumir que o estágio supervisionado vai além de uma simples etapa da formação acadêmica. Ele se trata de um processo de experiência essencial, pois é nesse processo em que nós, futuros pedagogos, iremos nos deparar com os mais variados desafios da prática docente. Nesse momento, pode ser reunido toda carga de ensino teórico e colocá-lo em prática, fazendo com que tenha sentido, ao nos depararmos com situações reais do cotidiano escolar. E, mesmo diante dos percalços encontrados dentro do ambiente escolar, podemos identificar práticas pedagógicas que se sensibilizam, são criativas e com o poder de transformar a visão do aluno dentro da sala de aula, mesmo com os desafios sociais presentes.

A prática pedagógica, quando feita por um docente comprometido, apesar dos poucos recursos, por mais simples que sejam, representa algo significativo para o aluno ali presente, pois, em sua maioria, a escola torna-se um local de refúgio para as crianças, seja pelo acolhimento afetuoso da equipe pedagógica, seja pela oferta de lanches.

Assim, ao final de todo esse processo, carregamos em nossa bagagem acadêmica não apenas os conhecimentos técnicos que foram adquiridos ao longo do período dentro das salas de aulas do curso, mas também uma nova percepção sobre o papel do professor dentro da educação. O estágio supervisionado reafirma sua significância como vínculo entre o processo de formação acadêmica e a prática profissional.

4.2 Estágio na educação infantil

O estágio supervisionado em docência de educação infantil é um marco indispensável no processo de formação docente, uma vez que é disponibilizado o privilégio de vivenciar de perto a elaboração de projetos, planejamentos de aulas e execução das rotinas de cada sala, que é um ponto de extrema importância dentro da educação infantil. “Para a criança, é fundamental que exista uma rotina para que ela se sinta segura, possa desenvolver a sua autonomia, bem como, ter o controle das atividades que irão acontecer” (Bilória; Metzner, 2013, p. 1). Partindo desse pressuposto, tomamos ciência da importância do seguimento de rotinas e planejamento dentro de uma sala de aula, contando com adaptação às necessidades de cada criança envolvida. A rotina contemplava momentos de acolhimento durante a chegada dos alunos, com lápis e papéis para desenho, contação de histórias, músicas seguidas de oração e interação dos alunos em roda de conversa antes de iniciar as aulas e etc

A música, reconhecida como uma ferramenta importante na educação, foi utilizada em vários momentos dentro da sala de aula, principalmente nos momentos após a contação de história. Durante a passagem de nosso grupo de estágio, prezamos pelas músicas já conhecidas pelas crianças, indagando-as sobre quais músicas já gostavam e queriam ouvir momento reservado para as contações de histórias e brincadeiras. Assim, favorecemos a autonomia de escolha, a discussão com os colegas e fortalecimento de memória. As atividades musicais envolviam danças em grupo, imitações de gestos corporais pedidos nas músicas, tais como pular em um pé só ou abraçar o coleguinha. Assim, percebemos que a música na sala de aula não serve apenas para um momento de diversão dos alunos, mas também para promover interação social, emocional e cognitivo das crianças.

Sobre essas afirmações, podemos reconhecer que:

As atividades lúdicas musicais são muito importantes para a vida de todas as crianças contribuindo para desenvolvimento de diversas habilidades, favorecendo seu aprendizado, onde brincando se aprende de uma forma prazerosa [...].” (FILHO, 2022, p. 2).

Ao respeitarmos a autonomia das crianças, dando-lhes possibilidades de escolha e incentivando sua participação durante o processo de ensino-

aprendizagem, estamos respeitando o seu direito de se envolver durante todo o processo educacional, tornando-a sujeito de sua própria história e não apenas como um ser pequeno, pois, de acordo com as citações de Janssen (2006, p.13)

É preciso saber receber e escutar as crianças, ser uma educadora que consiga desenvolver nelas a autonomia, a visão crítica, sensibilidades, permitir que descubram suas próprias verdades e mentiras, e que, deste modo, possam criar um mundo ainda melhor que o nosso.

O processo do estágio nos proporcionou uma transição entre acadêmicas e futuras profissionais, onde tivemos de lidar com situações até então nunca experienciadas, fazendo com que desenvolvêssemos o senso de tomada de decisão e agilidade pra lidar com os conflitos presentes. Conhecer essa realidade dentro da sala de aula serviu como respostas a várias dúvidas sobre as funcionalidades, tivemos um exemplo claro da estrutura de uma escola pública voltada para a educação infantil e identificar nossa real vocação enquanto educadoras.

Durante o estágio, pegamos alguns dias que compreendiam já o início das festividades de fim de ano. Ao final, foi uma semana de aula com temas natalinos, os quais fizemos de forma lúdica, com o envolvimento das crianças para a produção das atividades de fixação do que já havia sido passado durante o momento de explicação sobre o assunto que seria visto no dia.

Ao abordarmos o tema do Natal, indagamos as crianças sobre o que ambas sabiam sobre o respectivo tema, se já ouviram comentários sobre o presépio e estrela que seria o foco do dia. Tivemos uma boa devolutiva, onde as crianças manifestaram os seus conhecimentos sobre o assunto comentado. Para contextualização, fizemos uma leitura simples sobre o nascimento de Jesus, onde destacamos o papel do presépio e da estrela. Para teste de fixação, usamos um presépio já montado na escola para que pudéssemos, de maneira ilustrativa, apresentar cada um dos personagens ali presente, sempre questionando se sabiam que figura era a que estava sendo apresentada, o que ela estava fazendo no momento e qual a simbologia da estrela.

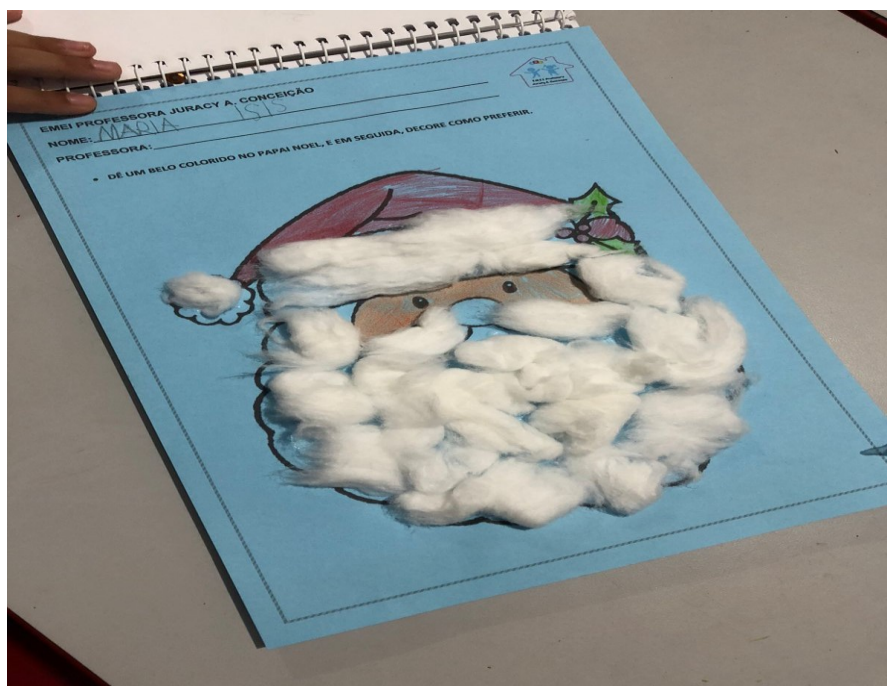
Figura 1 Presépio utilizado para explicação do nascimento de Jesus



Fonte: arquivo pessoal

Nos dias seguintes, foram abordados vários outros assuntos relacionados ao tema natalino, tais como os acessórios utilizados durante as festividades, o sino e o anjo e também sobre o papai Noel em si. Neste momento, fizemos um momento de reflexão com as crianças sobre a origem da figura, relacionando-a ao bispo São Nicolau e destacando valores como generosidade e fraternidade. Ao final, prezamos sempre para a produção de material relacionado ao tema passado em aula, para que as crianças pudessem a fixar o que que estava sendo passado.

Figura 2 Imagem utilizada na aula sobre o Papai Noel



Fonte: arquivo pessoal

Todo este movimento de estágio favoreceu com que eu aprendesse sobre as diferentes realidades que somavam dentro da sala de aula, aproximando a teoria docente junto com a prática dentro da rotina escolar. Observar cada criança, respeitando seu ritmo e necessidade individual, nos fez perceber a singularidade de cada um e como se envolviam de formas diferentes nas atividades, mas sempre somando e ajudando um ao outro.

Esse envolvimento entre os infantes contribui significativamente para o desenvolvimento de inúmeros valores pessoais, como espírito de corpo, empatia, ampliação do raciocínio. Desse modo, essa interação entre as crianças deve ser altamente estimulada, com o fito de fortalecer o desenvolvimento delas.

As brincadeiras desenvolvidas, pensadas para o público que estávamos atendendo, serviram como uma ligação social entre os alunos, mas sempre respeitando o nível de envolvimento de cada um ali presente. Cada criança possui suas peculiaridades, que devem ser observadas atentamente, para que sejam respeitadas e incluídas em todos os meios.

Dessa forma, o estágio nos proporciona a oportunidade de compreender, de forma mais ampla, a necessidade e o papel do professor na educação infantil, visto que o professor está na linha de frente com crianças pequenas que necessitam de cuidados e atenção especiais, além da mediação do conhecimento. Lecionar exige, ainda mais com crianças, a sensibilidade de saber observar seus comportamentos e necessidades. Com isso, foi possível formular, junto com o que foi aprendido na sala de aula, a minha prática docente de uma forma mais concreta.

Dentre os principais conhecimentos adquiridos durante o estágio, está a importância e necessidade de uma organização e planejamento que envolva as crianças de uma forma mais completa possível, para que ambas se sintam pertencentes ao coletivo da sala de aula. Apreendi que, apesar da ausência de recursos, as atividades simples, desde que bem desenvolvidas e planejadas, também são objetos de aprendizagem e que podem gerar experiências significativas. Assim, o bom planejamento se torna capaz de transformar momentos cotidianos e simples, em momentos que poderão marcar o dia da criança, desenvolvendo a criatividade e o protagonismo da própria criança durante as atividades desenvolvidas.

Outro ponto importante a ser destacado é a necessidade de inclusão e respeito ao nível de desenvolvimento de cada criança dentro da sala de aula. Ao observar algumas crianças com um bom acompanhamento dos pais ou até mesmo de um reforço escolar, em relação às outras que não possuíam as mesmas oportunidades, pude perceber que cada uma possui seu tempo de desenvolvimento diferente da outra, de acordo com o ambiente em que está inserida. Desse modo, levando em consideração o que foi citado, compreendo que seja interessante que o ambiente escolar seja construído à base de respeito e de forma equitativa, para que todas as crianças possam se desenvolver e não se sintam excluídas.

Apesar de todos os conhecimentos adquiridos e que somaram de forma valiosa ao meu processo de construção docente, me foi apresentado também alguns desafios durante o estágio. Alguns desses estão relacionados ao controle de tempo para realização das atividades, visto que foi o meu primeiro contato com o comando de uma sala de aula. É notório que, apesar de planejarmos e organizarmos todo um cronograma a ser executado, acontecem imprevistos, e que precisamos estar preparados para saber lidar com todas as ocasiões que nos forem alcançados, mantendo a calma e foco frente às crianças.

5 CONCLUSÕES

A escrita deste trabalho foi muito importante como parte de minha construção profissional, uma vez que pude refletir sobre os acontecimentos ao longo de minha trajetória, que me fortaleceram e fizeram com que eu conseguisse chegar até os momentos finais de minha graduação.

Produzir esse memorial me fez perceber que sim, as histórias de cada um podem ser importantes aos outros que buscam referências para estruturar um próximo memorial. Rememorar os eventos passados nos faz perceber que temos histórias a serem contadas e usadas como base para seguirmos objetivos traçados ainda na infância.

Chegar ao final da graduação foi uma conquista, ainda mais com a escrita de um memorial, algo tão pessoal, mas muito significativo, pois, no períodos iniciais da graduação, realizar autoavaliações eram momentos difíceis de serem desenvolvidos, pois não via o que falar, não conseguia falar sobre mim ou sobre coisas ao meu respeito.

As experiências adquiridas ao longo do Estágio Supervisionado em Docência na Educação infantil me fizeram entender, com mais clareza, sobre a importância de uma educação com qualidade já na Educação Infantil e os desafios que podem ser encontrados no dia a dia da rotina escolar. Todo o processo vivenciado nos permitiu aproximar a nossa teoria junto do campo educacional, saindo um pouco das salas de aula da universidade.

Estar presente em uma sala de aula na posição de professora em formação nos remete inúmeras responsabilidades, dentre elas a de observar os alunos e suas necessidades individuais. Cada encontro feito nas salas de aulas, juntamente com as professoras, foram cruciais para que pudéssemos esclarecer e conhecer cada dia mais a respeito dos alunos e suas rotinas.

O estágio em educação infantil foi imprescindível para meu processo de formação, pois representa uma etapa em que podemos estar mais presentes nas escolas, mais perto das crianças e aprendendo com elas. Adquiri conhecimentos que, por vezes, somente a prática de campo nos proporciona, tais como o imprevisto devido à ausência de recursos necessários para a realização das aulas, resolução de conflitos que podem aparecer ao longo das aulas, imprevistos e outros mais.

Estar em um campo educacional que até então me fugia do real conhecimento, me fez enxergar a docência com outros olhos, apesar do baixo

investimento público para a qualidade do serviço prestado. Por fim, foi o momento em que tive a oportunidade de reorganizar minha prática pedagógica, e vocação como educadora, que até então me colocava em dúvidas sobre o exercício ou não da profissão na linha de frente de ensino. Esse processo só reafirmou o que aprendemos na sala de aula sobre a necessidade de um ensino mais humanizado, acolhedor e atento as necessidades de cada aluno e família.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vanessa Fulaneti de. A importância do letramento nas séries iniciais. 2014.

AMORIM, Ivonete Barreto; SANTOS, Geisa Arlete do Carmo; VIRGÍLIO, Janete Maciel. **O memorial na formação do pedagogo: narrativas de um processo dialógico**. 2017. Disponível em: https://ephispruenp.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/o_memorial_na_formao_do_pedagogo-narrativas_de_um_processo_dialogico.pdf. Acessado em: 13 maio 2025.

APOLÔNIO FILHO, Manoel Anório. A importância da musicalização na educação infantil. **Anais VIII CONEDU. Campina Grande: Realize Editora**, 2022.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: _____*. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-121. (Obras Escolhidas, v. 1).

BILÓRIA, Jéssica Ferreira; METZNER, Andréia Cristina. A importância da rotina na Educação Infantil. **Fafibe On-Line, Bebedouro**, v. 6, n. 6, p. 1-7, 2013.

BRITES, Luciana. Brincar é fundamental: como entender o neurodesenvolvimento e resgatar a importância do brincar durante a primeira infância. São Paulo: Editora Gente, 2020.

BRITO, John Jamerson da Silva; ZAPAROLI, Witembergue Gomes. Narrativas (auto)biográficas de docentes LGBTQIA+: currículos e trajetórias educativas em gêneros e sexualidades. **Revista Humanidades & Educação**, v. 5, n. 9, p. 12–25, 2024. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/humanidadeseducacao/article/view/23216>. Acesso em: 21 nov. 2025.

BRITO, John Jamerson da Silva; MOURA, Jônata Ferreira de. Ensino de matemática e as discussões de gêneros e sexualidades: possibilidades através de narrativas docentes. **Anais do IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - entre o visível e o oculto: gêneros e sexualidades no diálogo educativo**. Universidade Estadual de Maringá (PR), 09 a 11 de abril de 2025, p. 01-09.

BROUGERE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, July 1998.

DA SILVA, Maria das Dores Elias. Sala multisseriada: arranjo logístico, espaço de heterogeneidade estrutural e competências docentes pluridimensionais. **Revista Científica FESA**, v. 3, n. 29, p. 26-38, 2025.

AMORIM, Ivonete Barreto; DO CARMO SANTOS, Geisa Arlete; VIRGÍLIO, Janete Maciel. **O memorial na formação do pedagogo: narrativas de um processo dialógico**. 2017.

DOURADO, Leidiane Santos. O memorial de formação: notas sobre estilo de um gênero discursivo. **Anais do SILEL**, v. 3, n. 1, 2013.

ESTADO DO MARANHÃO. Em um ano, mais de meio milhão de pessoas deixaram a pobreza e a extrema pobreza no Maranhão, diz IBGE. Governo do Estado do Maranhão, 04 dez. 2024. Disponível em: <https://www.ma.gov.br/noticias/em-um-ano-mais-de-meio-milhao-de-pessoas-deixaram-a-pobreza-e-a-extrema-pobreza-no-maranhao-diz-ibge>. Acesso em: 12 jan. 2026.

FRANK, Jean; LANDEIRA-FERNANDEZ, J. Rememoração, subjetividade e as bases neurais da memória autobiográfica. **Psicologia Clínica**, v. 18, p. 35-47, 2006.

GISI, Maria Lourdes; MARTINS, Pura Lucia Oliver; ROMANOWSKI, Joana Paulin. O estágio nos cursos de licenciatura. In: Romilda Teodora Ens, Dilmeire Sant'Anna Ramos Vosgerau, Marilda Aparecida Behrens (org.). **Trabalho do professor e saberes docentes**. Curitiba: Champagnat, 2009.

G1 MARANHÃO. Maranhão apresenta dez cidades em situação de extrema pobreza, diz IBGE. G1, 13 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/01/13/maranhao-apresenta-dez-cidades-em-situacao-de-extrema-pobreza-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 12 jan. 2026.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. Memorial de formação de um percurso. **Faculdade de Educação da Unicamp**, Campinas, 2012.

JANSSEN, Maria Luiza Pedroso Barbosa. Memorial de formação. [sn], 2006.

LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs. *Revista linguasagem*, v. 18, n. 1, 2012.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência: diferentes concepções**. *Póesis pedagógica*, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. In: Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em. 2006.

MORAES, Giselly Lima de. **Estágio na licenciatura em pedagogia** – vol 1: Projeto de leitura e escrita nos anos iniciais, Petrópolis, RJ: Editora Vozes. Maceió EdUFAL, 2012.

MOURA, Jónata Ferreira. **Pesquisa-formação**: marcas, resistências e apropriações reveladas pela escrita de si no processo de formação acadêmica do estudante de Pedagogia que ensina(rá) Matemática. 2019. 228f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2019.

MOURA, Jónata Ferreira de. Pesquisas com narrativas sobre trajetórias transgressoras e as discussões de gêneros e sexualidades. **Cuadernos de**

Educación y Desarrollo, [S. l.], v. 16, n. 8, p. e5376, 2024. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/5376> Acesso em: 21 ago. 2025.

MOURA, Jónata Ferreira de; NACARATO, Adair Mendes. A produção do memorial como dispositivo de formação de docentes que ensinarão matemática. **Revista Cocar**. Edição Especial n.º 45, 2025, p.1-20. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/10770>. Acessado em: 01 jan. 2026.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Mediação biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). **Memórias, Memoriais**: pesquisa e formação docentes. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 43-59. (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica ∞ Educação).

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351> Acesso em: 25 mar. 2025.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação... In: _____. (org.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões, superações. Campinas: Alínea, 2007. p. 45-59. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesf-memorial_GuilhermePrado_RosauraSoligo.pdf Acessado em: 10 abr. 2025.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89, jul./dez.1996.

SÁ, Gabriela Augusta Gonçalves de. **Vivências fora de portas e oportunidades do brincar ao ar livre: um estudo de caso no Jardim de Infância**. 2024. Tese de Doutorado.

VERNEZA, Ana Luísa Aires. **A motricidade fina no pré-escolar e no primeiro ciclo do ensino básico**. 2020.

VENTURA, Lidnei; CRUZ, Dulce Márcia. Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 19, n. 60, p. 426-446, jan./mar. 2019. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/23455>. Acessado em: 30 abr. 2025.